

# Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)<sup>1</sup>

*Lacerdismo. The media as an opposition vehicle during the Brazilian Democratic Period (1946-1964)*

Márcio de Paiva Delgado<sup>2</sup>

Artigo recebido em 01 de novembro de 2006 e aprovado em 01 de dezembro de 2006

## Resumo

O presente artigo busca entender como o jornalista Carlos Lacerda tornou-se uma das principais vozes da UDN durante a Experiência Democrática (1946-1964). Partimos da hipótese de que, além de seu discurso inflamado e contundente, Lacerda foi um dos políticos de oposição que melhor soube utilizar seu amplo acesso aos diversos meios de comunicação de massas existentes naquele período no Brasil. Palavras-chave: Carlos Lacerda, Lacerdismo, oposição, mídia.

**Palavras-chave:** Carlos Lacerda, Lacerdismo, oposição, mídia.

**Abstract:** This article discusses how the journalist Carlos Lacerda became one of the main voices at UDN during Brazil's Democratic Period (1946-1964). We argue that, besides his passionate discourse and striking oratory ability, Lacerda was one of the politicians in the opposition who best knew to benefit from his broad access to many and diverse mass media then existing in Brazil. Keywords: Carlos Lacerda, Lacerdismo, opposition, media.

**Keywords:** Carlos Lacerda, Lacerdismo, opposition, media.

## 1. Introdução

A breve experiência democrática brasileira entre 1946 e 1964 foi marcada por grande instabilidade institucional. Nestes 18 anos, inúmeras crises

1 Este artigo é a síntese de dois capítulos de nossa dissertação de mestrado, defendida em outubro de 2006 pelo programa de pós-graduação do Departamento de História da UFFJ, intitulada: *O golpismo democrático*. Carlos Lacerda e o jornal tribuna da imprensa na quebra da legalidade (1949 - 1964).

2 Mestre em História pela UFFJ.

políticas exaltaram posições ideológicas antagônicas, que em determinados momentos, se colocaram abertamente contrárias à manutenção da ordem institucional, e apostaram na quebra da legalidade. Grosso modo, se por um lado, tínhamos os movimentos de esquerda, como aqueles ligados ao Partido Comunista, os Trabalhistas de origem Getulista, e os Nacionalistas (nem sempre juntos); de outro lado tínhamos os grupos Liberais e Conservadores, com forte penetração nas Forças Armadas e nos setores financeiro, industrial e latifundiário. Estes últimos, geralmente eram favoráveis à entrada de capital estrangeiro no país de maneira irrestrita, ao alinhamento incondicional aos EUA e o fim das práticas intervencionistas estatais na economia. Estes grupos políticos, principalmente separados em virtude do seu pensamento econômico, entravam em conflitos que muitas vezes colocavam em questão a ordem institucional democrática brasileira no período.

Identificamos como os principais momentos de instabilidade política os seguintes períodos: a eleição de Getúlio Vargas em 1950; o mês agosto de 1954; o segundo semestre de 1955, culminando com o Golpe da Legalidade de novembro; a semana da renúncia de Jânio Quadros e do “golpe branco” do parlamentarismo em 1961; e os primeiros meses de 1964, que culminariam no golpe civil-militar de 31 de maio.

Com este contexto conturbado, desde a redemocratização, o país dividiu-se politicamente em três grandes partidos: o PSD (Partido Social Democrata); a UDN (União Democrática Nacional) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). No início, a UDN era formada por grupos heterogêneos, o que foi representado inclusive na escolha do termo “União” ao invés de “Partido”. Faziam parte da UDN desde setores Liberais, como grupos associados ao capital estrangeiro e a setores da grande imprensa, até outros francamente conservadores e reacionários, como os latifundiários e alguns setores das Forças Armadas. Contudo, além destes, alguns setores da chamada Esquerda Democrática também participaram da formação da UDN.<sup>3</sup> Apesar dessa gama heterogênea inicial e de sua constante diversidade, o processo político de 1945 até 1964 iria acabar por colocar a UDN “à direita” do cenário político nacional.

No seu quadro de membros partidários mais influentes estava presente o jornalista Carlos Lacerda – proprietário, diretor e editor do jornal *Tribuna da Imprensa*. O jornal, graças, sobretudo ao talento oposicionista de Lacerda, foi aos poucos se tornando um dos principais palanques políticos da UDN na imprensa e um instrumento poderoso para a construção de um discurso radicalmente oposicionista em relação à esquerda (representada, sobretudo, pelo comunismo), a Getúlio Vargas e seus “herdeiros”. Segundo Ana Maria Laurenza

3 BENEVIDES, Maria Vitória. *A UDN e o Udenismo, a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965*. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p. 31.



O alcance da Tribuna da Imprensa em sua oposição a Getúlio Vargas só se explica por outros elementos alheios às qualidades editoriais e de veiculação do jornal [...] Sustentava-se, apenas, na figura polêmica de Carlos Lacerda e seu texto inflamado. Esse jornal, da rua do Lavradio, era a tribuna literal de Lacerda, e um instrumento para negociar com o governo as posições engendradas no seio da UDN <sup>4</sup>.

O jornal refletia a vertente oposicionista mais radical da UDN, tendo em momentos mais instáveis, um discurso claramente golpista, o qual defendia a quebra da legalidade em nome de uma suposta “verdadeira” democracia, diferente e sem as influências da nascida ao apagar das luzes do Estado Novo. Nestes momentos, Carlos Lacerda colocava-se como o principal tribuna da oposição aos governos ditos “populistas”. Esta identificação de Lacerda como a personificação da oposição não se fez apenas na sua atuação política como deputado federal, e posteriormente como governador do Estado da Guanabara, e sim pela sua atuação como jornalista, tanto através de seu jornal impresso, a *Tribuna da Imprensa*, como em vários outros meios de comunicação, como outros jornais (como *O Estado de São Paulo* e *O Globo*) e revistas (como *O Cruzeiro*), como também em outras formas midiáticas, como estações de rádios e emissoras de TV. Lacerda talvez tenha sido o principal político de oposição a utilizar a mídia em todas as suas possíveis formas para influenciar a opinião pública brasileira contra os governos que opunha.

Para Lacerda e setores da UDN, se durante as crises institucionais dos anos 50, a Constituição de 1946 era passível de ser derrubada em nome de uma suposta verdadeira democracia a ser criada, pois consideravam que suas origens estavam “maculadas” pelo Estado Novo. Após 1961, ocorre a transmutação da bandeira da legalidade, salientada por Daniel Aarão Reis, à medida que parcelas expressivas dos atores que sustentam o projeto das Reformas de Base passam a enfatizar os limites da ordem legal para promovê-las.<sup>5</sup> A defesa da legalidade passa às mãos de seus adversários de ontem, com finalidades meramente táticas, de modo a invocar a interrupção do processo político e a quebra da legalidade pelos militares, em nome de sua defesa contra aqueles que a estariam ameaçando.

O processo de crescimento de influência dentro da UDN do jornalista Carlos Lacerda faria com este entrasse nos anos 60 como um dos seus principais líderes (senão o principal) e porta-voz do partido e de sua vertente radical. Este processo está intimamente ligado à sua inserção da mídia brasileira e sua popularidade junto ao eleitorado udenista.

O chamado *lacerdismo* nasce no Distrito Federal em meados dos anos 50 no auge da crise institucional que levaria Getúlio Vargas ao suicídio,

4 LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda X Wainer, o Corvo e o Bessarabaiano*. São Paulo: Senac, 1998. Pp. 156.

5 REIS, D. A. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In FICO, C. et alii *1964-2004 – Quarenta Anos do Golpe – Ditadura Militar e Resistência no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004, p. 119-139.



e só atingiria seu domínio sobre outras linhas internas da UDN durante a campanha para presidência de Jânio Quadros, cujo apoio udenista a sua candidatura foi uma vitória do *lacerdismo* dentro da UDN em relação aos chamados “históricos”<sup>6</sup> e “bacharéis”.

As diversas crises políticas entre 1954 e 1964 só atingiram o caráter de “crise” junto à população graças à imprensa, caso contrário, seriam apenas rumores internos nos corredores do congresso nacional e nos quartéis. A mídia, em todas as suas formas, foi a principal responsável por levar à esfera pública a instabilidade política. Os discursos golpistas e legalistas, as argumentações, denúncias, defesas, pedidos de manutenção da ordem, o clamor pela ação militar e a mobilização de setores da sociedade eram estampadas todos os dias nos principais jornais e alardeadas nas rádios e emissoras de televisão.

Segundo Marina Gusmão de Mendonça, “Lacerda tentou aproveitar os momentos de crise para construir uma imagem de homem providencial, a do herói encarregado de salvar a pátria ameaçada”.<sup>7</sup> O jornalista, portanto, fazia parte da linha de frente da grande imprensa que desferia ataques aos governos, sejam eles federal, estadual ou municipal do então Distrito Federal. Indo um pouco além de Marina Gusmão, defendemos que Lacerda não apenas aproveitava as crises, como também as fomentava em alguns momentos, criando inclusive “factóides”, buscando portanto, capitalizá-las para ganhos políticos.

Lacerda não apenas atacava seus adversários políticos como também buscava uma “automitificação” junto ao eleitorado. Nestes períodos de enervência política e radicalização ideológica, ele destacou-se por não ser apenas uma voz que repercutia um dos lados, mas também por ser uma voz geradora de discurso e que assumia o papel de um de seus agentes. Era o político, o líder e a personificação desse discurso. Seus partidários renderam-lhe o status de ícone, seus inimigos e críticos, o de alvo.

## 2. Carlos Lacerda e sua inserção na mídia.

Só um povo marcado com o sinal da vitória pode produzir um homem como Carlos Lacerda<sup>8</sup>.

Julio de Mesquita Filho

Carlos Lacerda, além do político, era o jornalista. Este fator possibilitou sua maior identidade com o público, tornando-o o “líder popular

6 Eram aqueles tidos como os fundadores históricos da UDN. Políticos de tradição liberal, muitos deles signatários do “Manifesto dos Mineiros”, que reclamavam para si a herança liberal do tempo do Império de Teófilo Otoni, e de Rui Barbosa na Primeira República.

7 MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002. p. 12.

8 Júlio de Mesquita Filho, em Homenagem, do ‘Estado’ ao governador Lacerda. Jornal *O Estado de São Paulo*, 15/04/1964.



da UDN” e conseqüentemente, sua “voz”. O fato de Lacerda ter um jornal à sua disposição para dar corpo ao seu discurso e ter trânsito livre em outros órgãos de comunicação de massa – como a Rádio Globo do jornalista Roberto Marinho, a Rádio Mayrink Veiga<sup>9</sup>, a TV Tupi de Assis Chateaubriant, a TV Rio de Pipa Amaral e a TV Record de Paulo Machado de Carvalho<sup>10</sup> – favoreceu sua ascensão como liderança carismática dentro e fora da UDN.

Lacerda já havia trabalhado para os *Diários Associados* de Assis Chateaubriant na década de 1930, escrevendo artigos literários para o *Diário de Notícias*, dirigido por Cecília Meireles<sup>11</sup>. Em agosto de 1942, Lacerda trabalhou na empresa telegráfica Agência Meridional, seguindo depois para o *Jornal* (“o mais importante da cadeia dos *Diários Associados*”<sup>12</sup>) em março de 1944, onde ficou como Secretário por poucos meses saindo após problemas relativamente banais com o também intempestivo Chateaubriant.<sup>13</sup>

Entre os *Associados* e o *Correio da Manhã*, Lacerda trabalhou como *free-lancer* para alguns jornais cariocas. Foi durante esse curto período que Lacerda conseguiu despertar a atenção de toda a imprensa nacional com o episódio da célebre e exclusiva entrevista com José Américo de Almeida (ex-candidato à presidência em 1937) em fevereiro de 1945, publicada no jornal *Correio da Manhã*, criticando fortemente o governo federal e a figura de Vargas<sup>14</sup>. Essa entrevista rompeu a censura do DIP, alcançando grande repercussão e se transformando num marco contra o Estado Novo.

Anos depois, durante a longa e polêmica discussão sobre a exploração e refino do petróleo no Brasil, já no governo Dutra, Lacerda foi demitido da coluna “Na Tribuna da Imprensa” do jornal *Correio da Manhã* em maio de 1949 em função dos vários artigos agressivos contra o Grupo Soares Sampaio (interessado na questão do petróleo), cuja família era amiga íntima de Paulo Bittencourt, proprietário do jornal<sup>15</sup>.

Por ter se destacado na luta contra o *getulismo* e ao defender o liberalismo econômico associado ao capital estrangeiro no jornal *Correio da Manhã*, Lacerda conseguiu, ainda em 27 de dezembro no mesmo ano, abrir o jornal *Tribuna da Imprensa* graças a uma grande mobilização de políticos udenistas, intelectuais católicos conservadores, ligados ao Grupo Dom Vital, e

9 Entre 1948 e 1954, Carlos Lacerda tinha um programa noturno na Rádio Mayrink Veiga. DULLES, John W. F. *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 1. p. 110-114.

10 CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque, 1808-1964*. Rio de Janeiro: Record, 2000, vol. 2, p. 676.

11 BRAGA, Sergio. BRAGA, Sergio (org.). *Carlos Lacerda, Na Tribuna da Imprensa*. Crônicas sobre a Constituinte de 1946. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 13.

12 Idem, ibidem p. 17.

13 MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 451-452.

14 A entrevista completa de José Américo ao jornal *Correio da Manhã*, com comentários do jornalista Carlos Lacerda, também se encontra transcrita integralmente em PINHEIRO NETO, João. *Carlos Lacerda, um raio sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998, p.163-179.

15 MENDONÇA, Marina Gusmão de. Op. cit., p. 100.

Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)

Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 137-153, 2006





[...] de grupos empresariais vinculados ao capital externo ante o nacionalismo que começava a tomar conta de setores do Exército e da própria burguesia industrial, e que conseguiria paralisar a tramitação de um projeto governamental que garantiria participação de investimentos estrangeiros na exploração do petróleo<sup>16</sup>.

Segundo o jornalista Carlos Chagas: “Ele [Lacerda] decidia qual a manchete e diagramava a primeira página, escrevia artigos e editoriais, mudava reportagens, transplantava colunas e imprimia o seu toque pessoal em todas as páginas”<sup>17</sup>.

Sobre a motivação ideológica, política e a base social do novo jornal, Chagas aponta

Para fundar o jornal, anunciando desde o início como uma trincheira de resistência contra o getulismo, que emergia, e o comunismo, que não tinha submergido, Lacerda abriu subscrição pública, a que a classe média puritana não faltou<sup>18</sup>.

Sobre o caráter antigetulista do jornal, vale aqui citar o polêmico editorial, durante a campanha presidencial de 1950, que sentenciava: “O Sr Getúlio Vargas senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.”<sup>19</sup>

Um grupo civil declaradamente *lacerdista* nascido em 1953, com unidade de discurso e ação e que tinha o jornal *Tribuna da Imprensa* como referência, foi o chamado *Clube da Lanterna* (vale aqui assinalar que uma lanterna era a logomarca do jornal). Algumas fontes dizem que Carlos Lacerda teria fundado o Clube em agosto de 1953 no Rio de Janeiro<sup>20</sup> e que seu objetivo primordial combater o governo Vargas. Entretanto, Lacerda nega em suas memórias a sua participação na criação do grupo, reconhecendo, contudo, sua relativa importância e tamanho

Quando eu estava no exílio, de repente, o Amaral Neto, que foi integralista, fundou em meu nome um negócio chamado Clube da Lanterna, com o qual eu nunca, jamais, tive nada a ver. E milhares de pessoas no Brasil se organizaram em torno do Clube da Lanterna; o Amaral Neto fazia comícios do Clube [...]”<sup>21</sup>.

16 Idem, *ibidem*.

17 CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque, 1808-1964*. Rio de Janeiro: Record, Vol. I, 2000, p. 591.

18 Idem, *ibidem*.

19 *Tribuna da Imprensa*, 01/06/1950.

20 Verbetes: LACERDA, Carlos. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC. Acessado em 20/11/2005. <[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/2684\\_2.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/2684_2.asp)> Acessado em 20/12/2005.

21 LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Op. cit., p. 59.





A retórica contundente e “demolidora” de Lacerda, desde os tempos de *Correio da Manhã*, chamou a atenção do jornalista Roberto Marinho, que via nele um possível “fenômeno irresistível de comunicação e persuasão”<sup>22</sup>. Ainda sobre Lacerda, o jornalista Armando Nogueira reproduz a opinião de Roberto Marinho

Carlos Lacerda tinha uma capacidade de conversar sobre qualquer assunto com grande conhecimento. Você pode ir de literatura a falar sobre rosas [...] Mas não é só isso que caracteriza um grande conversador. Um grande conversador se caracteriza, sobretudo, pela capacidade de ouvir. O que eu aprendi com Carlos Lacerda: Carlos Lacerda tinha uma capacidade de ouvir. E de ouvir chatos. A capacidade de ouvir chatos de Carlos Lacerda era incomparável<sup>23</sup>.

No primeiro semestre de 1954, Roberto Marinho convida Lacerda para comandar o programa na rádio Globo *Conversa em Família*<sup>24</sup>, programa que já vinha contando com sua participação diversas vezes desde 1952<sup>25</sup>.

Segundo o jornalista Pedro Bial, o convite teria como motivações circunstâncias “políticas e de mercado”<sup>26</sup>. O fato é que, em junho de 1951, o jornalista Samuel Wainer, ex-patrão de Carlos Lacerda na revista *Diretrizes* em 1938, havia conseguido fundar o jornal *Última Hora*, financiado com empréstimos do Banco do Brasil, comprometido com o programa nacionalista de desenvolvimento de Getúlio Vargas, que acabou por constituir-se numa eficiente arma de propaganda a favor do governo. Como a chamada “Grande Imprensa” (sobretudo os jornais *O Globo*, o *Estado de São Paulo*, o *Correio da Manhã* e os *Diários Associados* de Assis Chateaubriant) era contrária a Getúlio Vargas, seus aliados tomaram a iniciativa de criar um jornal de grande circulação que desse apoio ao governo e combatesse as críticas vindas de outros jornais<sup>27</sup>. O novo jornal também receberia financiamento de empresários ligados ao nacionalismo de Getúlio Vargas, como o industrial Ricardo Jafet<sup>28</sup>, o banqueiro Walter Moreira Salles, o industrial Euvaldo Lodi - presidente da Confederação Nacional da Indústria - e o Conde Francisco Matarazzo.<sup>29</sup>

22 BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 164.

23 Armando Nogueira em depoimento de 2003 a Pedro Bial. In: Idem, *ibidem*, p. 175.

24 BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Op. cit., p. 175.

25 CALABRE, Lia. Conspirações sonoras: A rádio Globo e a crise do governo Vargas (1953-1954). In: BAUM, Ana. *Vargas, agosto de 54*. A história contada pelas ondas do rádio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 37.

26 BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Op. cit., p. 175.

27 LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Op. cit., p. 17.

28 Presidente do Banco do Brasil na época.

29 CHAGAS, Carlos. vol. I. Op. cit., p. 572.

Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)

Locus:  
revista de  
história,  
Juiz de Fora,  
v. 12, n. 2,  
p. 137-153, 2006



Em resposta, desde 1953, na *Tribuna da Imprensa* e na rádio Globo, Lacerda começa uma feroz campanha contra a *Última Hora* e seu presidente, já que Wainer não era brasileiro de nascença e a Constituição brasileira não permitia que estrangeiros fossem proprietários de jornais: “[...] um jornal fundado agora por um aventureiro, com dinheiro do Banco do Brasil, dizendo defender o povo, mas para melhor garantir os negócios do Sr. Ricardo Jafet e a demagogia do Sr. Getúlio Vargas [...]”<sup>30</sup>.

Mas, o que realmente preocupava Roberto Marinho e Assis Chateaubriant era que, em menos de dois anos, a *Última Hora* (que era vespertino) atingiria enorme tiragem<sup>31</sup>, com edições no Rio de Janeiro e em São Paulo, colocando em risco tanto *O Globo* de Marinho como o *Diário da Noite* de Chateaubriant (ambos vespertinos)<sup>32</sup>. Wainer também lançaria em abril 1953 o tablóide *Flan*, que em pouco tempo atingiria a marca de 150 mil exemplares, oferecendo forte concorrência à revista *O Cruzeiro*, também de propriedade do Grupo Associados<sup>33</sup>.

Na Radio Globo, Lacerda demonstrou todo o seu talento, o qual lhe rendeu o título de “melhor tribuno que o Brasil já teve”. Segundo Pedro Bial, no segundo semestre de 1954, o programa “Conversa em Família” bateu todos os recordes de audiência para o horário. Durante meses, Lacerda passava horas na rádio de Roberto Marinho atacando impiedosamente o governo Vargas e o jornal *Última Hora*<sup>34</sup>. É interessante notar sobre este episódio é que as ondas médias de rádio AM viajam melhor na atmosfera durante a noite, fazendo com que a radiodifusão da Rádio Globo atingisse várias regiões do Brasil (não apenas o Rio de Janeiro, como acontecia durante o dia) exatamente na hora em que Lacerda estava ao microfone<sup>35</sup>.

Por seu turno, Assis Chateaubriant, depois de deslocar seu melhor jornalista da revista *O Cruzeiro*, David Nasser, para ajudar Lacerda na campanha de destruição de Wainer e de seu jornal, abriu as portas das suas emissoras da TV Tupi no Rio de Janeiro e em São Paulo para Lacerda<sup>36</sup>. Inspirado pelo bispo americano Fulton Sheen (que conhecera pela televisão quando esteve nos EUA em 1952), que apresentava um programa de televisão de sucesso naquele país, Lacerda em poucos dias atingiu tamanha audiência que Chateaubriant determinou que seu programa passasse de cinco minutos para meia hora e ainda mandou que aparelhos de televisão fossem espalhados

30 LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Op. cit., p. 63.

31 O novo jornal saltaria de 18 mil exemplares diários nos primeiros 3 meses para 141 mil em janeiro de 1953. Idem, p. 53.

32 LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 126.

33 CALABRE, Lia. Op. cit., p. 38.

34 BIAL, Pedro. Op. cit., p. 175-176.

35 BIAL, Pedro. Op. cit., p. 175-176.

36 MORAIS, Fernando. Op. cit., p. 551.



em pontos públicos do Rio de Janeiro e de São Paulo para que a população pudesse ouvir a campanha contra Wainer e seu jornal<sup>37</sup>.

Segundo o jornalista Heron Rodrigues, Lacerda tornar-se-ia um “fenômeno” graças ao rádio<sup>38</sup>. Roberto Marinho, em artigo no *O Globo*, em 5 de setembro 1965, dizia: “O Sr. Carlos Lacerda tornou-se, em 1954, uma figura nacional graças ao microfone da Rádio Globo [...]”<sup>39</sup>. Samuel Wainer, em suas memórias, desdenhando o poder do jornal de Lacerda, comenta:

O problema é que Lacerda logo seria auxiliado por Assis Chateaubriant, que lhe franquearia o acesso à TV Tupi, e por Roberto Marinho, que pôs a rádio Globo à sua disposição. No seu livro de memórias, por sinal, Lacerda afirma que, ao receber esse tipo de ajuda, sentiu-se invencível<sup>40</sup>.

O acesso a estes dois importantes meios de comunicação de massa (sobretudo o rádio naquela época) ampliara em muito seu raio de ação, ajudando a criar o *lacerdismo*. Em poucos meses, Lacerda era sinônimo de “oposição”. Porém, mesmo destacando as fundamentais aparições de Lacerda no rádio e na TV, era comum que tais discursos e comentários fossem reproduzidos na *Tribuna da Imprensa* e no próprio *O Globo* (apenas aqueles feitos na rádio<sup>41</sup>).

Este processo de oposicionista provou uma crise generalizada no governo federal que, no imaginário popular, é facilmente simbolizada com o suicídio de Getúlio Vargas em 25 de agosto de 1954. Lembrando que, no dia 5 do mesmo mês, o jornalista Carlos Lacerda seria o pivô do famoso atentado da Rua Tonelero, onde seria assassinado o seu amigo e segurança informal, major-aviador Rubem Florentino Vaz. Na manhã seguinte ao atentado, o jornal *Tribuna da Imprensa*, através da sua já tradicional violenta campanha contra Getúlio Vargas, pedia a derrubada de um “governo imoral, ilegal, do banditismo e da loucura”<sup>42</sup>.

O *Clube da Lanterna*, desde sua fundação, fazia grande pressão pela candidatura de Lacerda para deputado pelo Distrito Federal em 1954<sup>43</sup>. Setores da UDN carioca perceberam o potencial eleitoral dele e ajudaram na candidatura, o que resultou no deputado mais votado em outubro<sup>44</sup>, mesmo

37 Idem, ibidem, p. 552-553.

38 BIAL, Pedro. Op. cit., p. 176.

39 Idem, ibidem.

40 WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver. Memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 9ª ed. 1987, p. 140.

41 Publicados na coluna “O Globo no Rádio”. BIAL, Pedro. Op. cit., p. 177.

42 BENEVIDES, Maria Vitória Mesquita. *A UDN e o Udenismo*, a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p. 89.

43 MENDONÇA, Marina Gusmão de. Op. cit., p. 145.

44 Lacerda teve 159.707 votos, seguido por Lutero Vargas, filho do suicida, que contou com 120.9213 votos.



sendo considerado culpado pelo suicídio de Vargas em agosto do mesmo ano. A partir dessa demonstração de penetração eleitoral e de liderança antigetulista, Lacerda passaria a ter o controle da UDN no Rio de Janeiro<sup>45</sup>.

De agora em diante, Lacerda não seria apenas uma arma política da UDN na mídia. Lacerda agora entrara em definitivo no jogo político como protagonista e seu nome estava conhecido o suficiente para alcançar uma popularidade singular, sobretudo junto à classe média, que se espelhava em sua defesa incansável pela moralidade.

Esse crescimento do *lacerdismo* junto à população demandava um crescimento dentro da própria UDN. O discurso radical e golpista de Lacerda acabou por entrar em conflito com setores mais “liberais” e “bacharelescos” dentro do próprio partido, principalmente quando se aproximou dos militares udenistas ligados à Cruzada Democrática e à Cruzada Anticomunista nos meses anteriores ao Golpe da Legalidade de 1955, liderado pelo Ministro da Guerra General Henrique Teixeira Lott.<sup>46</sup>

O poder oposicionista de Lacerda na mídia era tão temido que, mesmo o então presidente Juscelino Kubitschek, com receio de que a volta de Lacerda em novembro de 1956 - após o auto-exílio provocado pelo Golpe da Legalidade em novembro de 1955 que garantira a posse de Juscelino e João Goulart - pudesse desestabilizar o seu governo, procurou impedir o seu acesso ao rádio e a televisão.

Segundo o jornalista Cláudio Bojunga, a primeira pessoa em quem o presidente pensava ao acordar era Carlos Lacerda<sup>47</sup>. Temendo o poder de fogo dos discursos lacerdistas, Kubitschek, através do Ministério da Viação e Obras Públicas, baixou em outubro uma portaria acrescentando uma nova cláusula aos contratos de concessão - a chamada Cláusula R -, na qual as empresas transmissoras concessionárias ficavam proibidas de produzir programas obscenos ou que contivessem insultos às autoridades públicas, conseguindo assim barrar o acesso de Lacerda aos meios de comunicação como rádio de TV.

A “Lei Marcial da Imprensa” (10/10/1956) ou “Portaria Rolha” (12/10/1956), como seria chamada a nova lei de imprensa nos dias posteriores, sofreria severas críticas não só da *Tribuna da Imprensa*, mas de toda a imprensa e de inúmeros juristas. A Cláusula R acabou sendo suspensa por decisão do Tribunal Superior Eleitoral no fim de 1958<sup>48</sup>. Na década seguinte, em pleno regime militar, Juscelino se justificaria a Lacerda, então

45 Idem, *ibidem*, p.163.

46 BENEVIDES, Maria Victória Mesquita. *A UDN e o Udenismo*, a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p. 97-98.

47 BOJUNGA, Cláudio. *JK, o artista do impossível*. Rio de Janeiro, 2001, p. 382.

48 Apud. MOTTA, Marly. *A Política como arte de conciliar*. RJ: FGV-CPDOC. Acessado em 17 de janeiro de 2006. <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jk/htm/O\\_Brasil\\_de\\_JK/A\\_politica\\_como\\_a\\_arte\\_de\\_conciliar.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/O_Brasil_de_JK/A_politica_como_a_arte_de_conciliar.asp)>.



aliados na chamada Frente Ampla, dizendo que: “Eu não era maluco, não ia deixar você ir à TV pra me derrubar”<sup>49</sup>.

Poucos meses após a posse de Jânio Quadros na presidência da república em 1961, o então governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda e grande parte da UDN rompem com o governo federal preocupados com a sua “política externa independente”. O fantasma do comunismo volta com força total. A conjuntura internacional ajudava a criar um clima de preocupação no início dos anos 60, com a Guerra Fria em seu auge: a revolução em Cuba, o comunismo consolidado na China e a construção do Muro de Berlim na Alemanha.

Após a inesperada renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961 – um dia após um feroz pronunciamento pelo rádio e pela televisão feito Carlos Lacerda contra o governo e com a acusação de um Golpe Militar em curso e o conseqüente fechamento do Congresso<sup>50</sup> – as contradições políticas no Brasil se mostravam cada vez mais insustentáveis. A ordem institucional, que já vinha sendo ameaçada desde a eleição de Getúlio Vargas em 1950, aproximava-se do seu colapso. Com a renúncia de Jânio Quadros, seguida da vitoriosa “Cadeia da Legalidade” comandada por Brizola no governo do Rio Grande do Sul e a posse de Jango, mesmo amputada pelo Golpe Branco do Parlamentarismo, abrir-se-ia caminho para o aumento da radicalização política.

Desde dezembro de 1960, assim que teve o resultado da vitória para o governo da Guanabara, Lacerda deixara a direção da *Tribuna da Imprensa* a encargo de seu filho mais velho, Sergio de Lacerda. Mas mesmo como governador, Lacerda continuaria a escrever para o jornal sob o pseudônimo de Julio Tavares<sup>51</sup>. Passada a crise de 1961, em outubro, alegando problemas financeiros, Lacerda vende o jornal para Manuel Francisco do Nascimento Brito (editor-chefe do *Jornal do Brasil* e representando a Condessa Maurina Pereira Carneiro), mas mantendo seu filho na direção. O jornal seria finalmente vendido, em dezembro de 1962 para o jornalista Hélio Fernandes, seu antigo colaborador.

Segundo Marina Gusmão, a partir daí, o jornal deixaria de ser um “veículo para a exclusiva divulgação das idéias de seu fundador e para sua promoção pessoal”<sup>52</sup>. Mas, a influência de Lacerda no jornal transcende ao período em que foi seu proprietário, o que confirma a consolidação do *lacerdismo* como movimento e discurso político.

Se o jornal não era mais o jornal “do Lacerda”, ele continuava sendo “para Lacerda”. Nas suas reportagens, denúncias e opiniões, o jornal continuaria

49 CHAGAS, Carlos. Vol.2, Op. cit., p. 781.

50 DULLES, John W. *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 53. O discurso foi publicado na íntegra em: LACERDA, Cláudio. *Carlos Lacerda e os anos sessenta: oposição*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 15-25.

51 DULLES, John W. Vol. 2. Op. cit., p. 129.

52 MENDONÇA. Marina Gusmão de. Op. cit., p. 268.



claramente *lacerdista*, mantendo uma clara linha de apoio ao governador da Guanabara, valorizando sua figura como opositor ao governo federal, e com denúncias a diversos movimentos “anti-lacerdistas” e provocações comunistas. O próprio Lacerda continuaria a escrever esporadicamente artigos para o jornal<sup>53</sup>.

Em virtude da crise desencadeada com a renúncia, as relações entre o governo da Guanabara com o governo Federal, que não eram boas com Jânio Quadros, ficam piores com a posse de João Goulart. As ações de Lacerda foram consideradas “fora dos padrões democráticos” durante a crise da renúncia e alguns de seus adversários na Guanabara tentaram articular um processo de *impeachment*. Em resposta a essa tentativa, Lacerda matinha seu estilo de confronto ao dizer na *Tribuna da Imprensa* em 13 de setembro de 1961: “Terão que retirar da Guanabara um governador morto”. Neste momento, vemos um Lacerda “legalista” defendendo seu mandato.

No dia 6 de janeiro de 1963, acontece o plebiscito que perguntou à população brasileira se era a favor da continuidade do Parlamentarismo (“sim”) ou se o Presidencialismo (“não”) deveria voltar. O resultado foi esmagador: 80% para o “não”. A despeito de a volta ao Presidencialismo ser o principal objetivo de Jango até o momento, a *Tribuna da Imprensa* manter-se-ia “imparcial” quanto a este assunto: “Enfim, ‘sim’ ou ‘não’, presidencialismo ou parlamentarismo, esperemos a resposta popular, única que, numa democracia, poderá decidir como e por quem deve ser governado o país” (07/01/1963).

O governador Lacerda não votou no Plebiscito. Já pensando na campanha presidencial de 1965, ele provavelmente não queria que seus projetos fossem prejudicados por um Parlamento, que na sua concepção, ainda estava contaminado por getulistas, pelegos, nacionalistas e comunistas. Na primeira página da *Tribuna*, uma das manchetes era: “Carlos Lacerda: Não votei porque não quis, cobrem a multa”. Na página 3, Lacerda explicava em entrevista ao jornal

“Não fiz propaganda contra o plebiscito, nem pelo “sim” e nem pelo “não”. Conservei-me calado [...] Sendo pelo presidencialismo, contra um parlamentarismo caricatural, não podia votar contra. Mas, sendo contra aqueles que, no governo, usam os instrumentos da democracia para destruí-la, não podia votar “não”(09/01/1963).

As esquerdas brasileiras, bastante mobilizadas, ganhavam força e empolgação. Luis Carlos Prestes, mesmo negando que teria dito “Nós não estamos no governo, mas já estamos no Poder”, reconhece que os comunistas estavam exercendo influência no governo de Jango através dos sindicatos.<sup>54</sup> Leonel Brizola passava até 6 horas na rádio Mayrink Veiga pregando as

53 DULLES, John W. Vol.2, Op. cit., p. 129

54 MORAES, Denis e VIANNA, Francisco. *Prestes, lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 2ªed. 1982, p. 172.



reformas imediatas. A reação veio com a unificação das rádios Globo, Jornal do Brasil e a Tupi, criando a “Rede da Democracia”, denunciando o “perigo comunista”, a política econômica do governo e o próprio Goulart.<sup>55</sup>

A situação política agravou-se severamente em outubro de 1963, diante da repercussão de uma entrevista de Lacerda ao jornal *Los Angeles Times*, amplamente divulgada no Brasil pelos órgãos de imprensa. Conforme o jornal *Tribuna da Imprensa* em 2 de outubro

O governador da Guanabara declara ao jornal *Los Angeles Times* que Jango não conseguirá manter-se no Poder até o final do ano em curso. Analisando a crise brasileira, Lacerda sugere ao povo norte-americano que suspenda ajuda econômica ao Brasil até que volte ritmo certo.

Em “informe especial”, o jornal trazia a entrevista cedida à repórter Julian Hart, reproduzida na página 8, a última do caderno principal, destinada aos assuntos políticos expostos na primeira página. Destacamos o trecho da entrevista onde Lacerda fala do papel de Goulart na crise e da infiltração comunista no governo

Embora Lacerda seja firme no dizer que os comunistas estão infiltrados no governo e no CGT, ele também faz questão de dizer: “Ninguém poderia chamar Goulart de comunista”. Em vez disso, declarou Lacerda, Goulart “poderia ser chamado um homem de direita [...] pois o que ele é na realidade é um totalitário a moda sul-americana. Ele é um caudilho com todos os recursos dos tempos modernos. No momento, é a versão comunista que descamba para a esquerda. Por trás de Goulart e agindo através dele, porém Lacerda vê um esforço concentrado para paralisar este país, para fazê-lo parar. Lei, ordem e liberdade, tudo aquilo em que acreditamos estão ameaçadas.

A radicalização política, tanto de direita, quanto de esquerda, impossibilitou um arranjo político por parte do governo, que não teve alternativa a não ser procurar apoio junto às classes populares através dos “comícios monstros”. Essa estratégia “populista”, outro adversário histórico da UDN e do *lacerdismo*, iria justificar parte dos medos da direita udenista. O anticomunismo *lacerdista* aliava-se ao reacionarismo que era contra qualquer reforma na Constituição de 1946. A polarização da política brasileira, aliada ao crescimento dos movimentos de trabalhadores rurais e urbanos, alimentava o temor da “comunização” da sociedade brasileira dentro dos grupos conservadores e setores da Igreja Católica.

55 FERREIRA, Jorge. *A estratégia do confronto: a frente de mobilização popular*. Revista Brasileira de História, vol. 24, n.º. 47. São Paulo, 2004, <<http://www.scielo.br>> Acessado em 15/01/2006.

Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)

Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 137-153, 2006

149



A campanha para as Reformas de Base, encabeçada pelo presidente João Goulart e o crescimento, dentro das esquerdas, da figura de Leonel Brizola – visto, pela direita, como um destacado revolucionário comunista – acirrou a disputas dentro e fora do âmbito institucional.

A estratégia “populista” de Goulart nos últimos meses de mandato iria justificar parte dos medos da direita. De fato, alguns setores anticomunistas não acreditavam que o grande proprietário de terras João Goulart fosse realmente comunista, mas temiam que ele fosse usado pelos comunistas para comandar uma revolução em nome deles, usando para isso seu dispositivo militar. Muitas vezes chamado de “Kerenski brasileiro”<sup>56</sup>, Goulart era visto por muitos como um líder fraco e manipulado por revolucionários, sejam eles do PCB, como Luis Carlos Prestes, ou principalmente pelo genro, Leonel Brizola.

A identificação de Lacerda como uma das lideranças civis da Revolução foi automática. Apesar de não ter participado diretamente da conspiração – pelo menos é o que afirma o próprio Lacerda –<sup>57</sup>, ele era o principal alvo dos apoiadores de João Goulart, mesmo antes de o golpe tornar-se fato consumado. Rodrigo Patto Sá Motta, em artigo sobre as caricaturas de João Goulart durante a crise de 1964, destaca também que o mais importante alvo das publicações de esquerda, principalmente a *Última Hora* e o semanário comunista *Novos Rumos*, era o governador Carlos Lacerda<sup>58</sup>. Mas sem dúvida alguma, a maior parte da grande imprensa brasileira apoiava e elogiava Lacerda, principalmente a *Tribuna da Imprensa* e *O Estado de São Paulo*, de propriedade de Julio de Mesquita Filho, amigo e admirador confesso do governador udenista.

Nos dias após o golpe de 31 de maio, destacamos a “edição histórica” da revista *O Cruzeiro*. No artigo “Saber Ganhar” de autoria de David Nasser, um dos principais jornalistas políticos do Brasil (desde que Lacerda entrara de vez na política), o repórter explicitava sua gratidão a Carlos Lacerda

AGORA, eles sabem que as suas palavras não eram simples filigranas verbais, Governador Carlos Lacerda, homem afirmativo, líder másculo, democrata autêntico, brasileiro enlouquecido de amor à sua Pátria – e que se desesperava ao vê-la conduzida ao curral das nações arrebanhadas. Meses a fio, exposto na primeira Unha, combatente de vanguarda, sabendo que a cada esquina um nôvo perigo o esperava, você, meu bravo companheiro, só teve um guarda-costas: Deus. O capanga divino, que com a sua infinita sabedoria enguiçava o carro do Faz-Tudo, iluminava o espírito dos coronéis, cobria de lucidez

56 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. . Em *Guarda contra o perigo vermelho, o anticomunismo no Brasil. (1917-1964)*. São Paulo: FAPESP, 2002, p. 258.

57 LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 274.

58 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *João Goulart e a crise de 1964 no traço da caricatura*. In: REIS, Daniel Aarão, Marcelo Ridenti e Rodrigo Patto Sá Motta (orgs). *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 183.



a decisão dos pára-quedistas, evitava a sua eliminação, o caminho aberto, supunham eles, para a fácil conquista de um resto de Pátria. Mas eles estavam enganados, sempre estiveram enganados, continuam enganados. Nenhum de nós era essencial, qualquer de nós, bem ou mal, seria substituído, mesmo você, grande e insubstituível Carlos Lacerda. Não se matam idéias.

No dia 2 de abril de 1964, a *Tribuna da Imprensa* traria “Lacerda vê fim da noite de Goulart”

Falando a rádio Globo, na noite de ontem, o governador Carlos Lacerda disse que a nação acaba de emergir de um subterrâneo, de uma longa noite que durava perto de três anos, mas que a vitória cabia aos verdadeiros democratas, ao povo brasileiro, que soube impor à minoria comunista a sua vontade da maioria [...] Lacerda: “O sr. João Goulart foi mais caro ao Brasil do que todas as guerras que participamos”. [...] O governador carioca disse que povo volta realmente ao poder, pois as Forças Armadas, que podiam reclamá-lo, não reclamaram para si esse privilégio, reclamaram-no sim, mas para o povo.

De olho nas eleições de 1965, Lacerda diria ao jornal defendendo as reformas

É preciso que as reformas se façam, para que os demagogos não digam que era contra elas que lutávamos. Era em nome das reformas que os comunistas faziam as suas badernas, portanto, é preciso que se dê [sic] as reformas, para que não existam mais motivos para que elas subsistam.

Falando ao rádio, como atesta a revista *O Cruzeiro*, Lacerda novamente defenderia as reformas, mas junto à inviolabilidade da Constituição de 1946, tantas vezes criticada pelo mesmo Lacerda: “Quem quiser fazer reformas deve ter a honestidade de dizer que as fará sem reformar a Constituição. Há necessidade de se fazer as reformas, e eu acho que se pode fazer isso sem mexer na Constituição [...]”<sup>59</sup>

No caderno especial, também nomeado de “edição histórica”, a *Tribuna* traria a manchete: “CL (Carlos Lacerda) comanda resistência”. Abaixo das fotos, o comentário

Sob o comando pessoal do sr. Carlos Lacerda, 1500 homens permanecem desde as primeiras horas da madrugada entrincheirados no Palácio da Guanabara, dispostos a resistir a qualquer tentativa de invasão. Centenas de civis apresentaram-se como voluntários para participar da resistência.

59 Revista *O Cruzeiro*, 10 de abril de 1964, p. 44.

Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)

Locus:  
revista de história,  
Juiz de Fora,  
v. 12, n. 2,  
p. 137-153, 2006

151



Acompanhada de inúmeras fotos, algumas delas com Lacerda empunhando uma metralhadora e falando em vários telefones ao mesmo tempo, a *Tribuna da Imprensa* (assim como a revista *O Cruzeiro*) reforçava a figura de um líder que “não dormiu um só segundo nas últimas 48 horas” e de um mártir disposto a morrer pela causa da liberdade contra os comunistas. Ao descrever inclusive os trajes do governador, “calças claras e um blusão de couro”, a jornal passava uma imagem de dinamismo, impetuosidade e entusiasmo viril, que os *lacerdistas* sempre reclamaram e construíram para Lacerda desde os tempos de oposição ao governo Vargas.

Para os vencedores, o movimento de 31 de março de 1964 foi uma revolução cristã salvadora contra o comunismo ateu. Para os derrotados, não passou de um golpe reacionário contra a democracia e os movimentos sociais. Passados mais de 40 anos, hoje a historiografia brasileira renega a versão revolucionária do movimento civil-militar, já que esta não promoveu as reformas de bases e impediu a participação da sociedade nas decisões políticas por vários anos.

Enquanto Lacerda ocupasse o governo na Guanabara, seu nome mantinha-se como provável nome da UDN para o próximo pleito presidencial. O *lacerdismo*, portanto, mantinha-se vivo. Já durante o Regime Militar e mesmo após a prorrogação do mandado do General Castelo Branco para 1966 (contrariando os interesses de Lacerda e que marcaria o começo do seu afastamento da “Redentora”), comitês de bairro colhiam assinaturas e faziam manifestos a favor de uma candidatura Lacerda-66<sup>60</sup>.

### 3. Conclusão

Durante a experiência democrática, a feroz oposição da UDN contra todos os governos federais (à exceção do governo Dutra e do início do governo Jânio Quadros) apresentou uma vertente radical identificada como *lacerdismo*. Tal movimento nascido na imprensa, a partir de 1949, com o jornalista Carlos Lacerda através de seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*, teria seu crescimento ajudado também pelo acesso do jornalista a outros meios de comunicação como o rádio e a nascente TV, dando corpo a tal movimento político de massa. Como movimento político, o *lacerdismo* cresceria tanto dentro da UDN, disputando espaço com outras vertentes e grupos, como na própria sociedade civil, através de rede de simpatizantes, clubes (como o chamado *Clube da Lanterna*) e principalmente com um eleitorado fiel e preso à figura do líder oposicionista.

Esse movimento, classificado genericamente pela cultura política brasileira como sendo um “movimento de direita”, apresentava um discurso moralista, anticomunista e antigetulista. Lacerda professava a orientação liberal na política e na economia e defendia a dita moralidade cristã ao filiar-se à UDN ao final da Ditadura Vargas.

Nos momentos de crise institucional e confronto político aberto, o *lacerdismo* era a linha de frente da UDN. A construção de um líder como Carlos Lacerda e de um discurso “lacerdista” tornava-se cada vez mais inteligível, tanto para os seus leitores, ouvintes e telespectadores correligionários, quanto para seus adversários.

Qualquer traço na legislação brasileira ou no quadro partidário que fosse identificado como herança Getulista, ou qualquer “infiltração comunista” era imediatamente tomada como “prova” de que aquela democracia não era legítima e, portanto, passível de ser derrubada sem qualquer constrangimento. Portanto, setores da UDN praticavam uma relação instrumental com a democracia. Esse discurso autoritário e elitista dos ditos “liberais da UDN” defendia que a democracia, negociada pelo Estado Novo em 1945 e consolidada com a Constituição de 1946, poderia ser derrubada por um golpe para se construir a “verdadeira democracia” – aquela onde seus interesses seriam contemplados.

O discurso lacerdista de cunho golpista continuaria mesmo em caso de mudança conjuntural. Nos anos 60, seria contra o governo “esquerdista” de João Goulart, que propunha mudanças estruturais na sociedade brasileira e no texto da própria Constituição de 1946.

Percebe-se, portanto, uma mudança de “tom” no discurso golpista. Antes, nos anos 50, ele tinha um cunho reformista. Nos anos 60, mais especificamente durante o governo Goulart, o discurso golpista passa a ser conservador, acusando o governo de subversão, abrindo possibilidade para a sua derrubada “em nome da legalidade”.

Lacerda, a despeito de posições consideradas “conservadoras”, adotou a postura de um político bastante “moderno”, “multimídia”, ao perceber a importância dos vários órgãos de comunicação. Tornou-se o principal opositor, pelo menos aos olhos de uma expressiva parcela do eleitorado brasileiro, dos governos federais do período democrático entre ditaduras. Seu nome, até os dias de hoje, é normalmente lembrando como um opositor temido.

Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)

Locus:  
revista de  
história,  
Juiz de Fora,  
v. 12, n. 2,  
p. 137-153, 2006

153